

O '9 de Abril' de António Bôto e uma comédia no «Avenida»

por Assis Esperança

ANTÓNIO BÔTO, poeta de ritmos subta, continua poeta no seu teatro. Como em «Alfama», no «9 de Abril», a acção teatral arasta-se em jogos de palavras; as personagens servem aprioristicamente a ideia do autor. Não vivem uma existência independente: são escravas dum entrecho. Em vez do dramaturgo lhes servir de cronista, prestam-se obedientemente a todas as situações, gastando o tempo a discutir. Nesta peça, apenas uma cena se deve salientar: a do terceiro acto, entre Diogo e Eduardo. As palavras, ali, são acção. — Quando se entenderá que a acção teatral não é feita de discussões e alaridos, ou de entradas e saídas de personagens?

Segundo as declarações do autor, a sua peça é uma «síntese da angústia latente que apaxiona os povos na hora actual: a paz e a guerra». Para realizar esta síntese, serve-se duma família. E, como todas as personagens arcam com as responsabilidades de quem as fez símbolos, ficamos sabendo que a Pátria se defende quando lutamos com falta de trabalho e nos apaixonamos por uma mulher que não corresponde às nossas solicitações amorosas (caso do Raúl). É a primeira lição a tirar. Segunda lição, e essa certamente tallhada conforme as convicções da moral do autor: as elucinações da perseguição às mulheres doutrinem cessam, como por encanto, quando a essas tentações demoníacas opusermos a ideia do casamento. Durante uma dezena de anos vivemos amancebados; a saturação da nossa vida em comum e o sentido da posse duma mulher bonita tentam-nos primeiro, para depois subirem a tais culminâncias de obsessão que a pretendemos roubar a um filho nosso, mas de tudo milagrosamente nos salvamos quando firmemente nos resolvamos a depositar a mulher com quem vivemos e de quem nos cansáramos. E tudo porque? Porque o autor quis que fosse assim. Não saberá ele que a paixão, e até mesmo o interesse amoroso, tem também a sua ética; que são monogamas por excelência?

Intenção de mostrar aos espectadores, sem que eles deixassem as suas cómodas poltronas, que o vício pode ser combatido, uma vez que se creia na santidade do casamento? É, então, para influir perduravelmente nos costumes, nos maus

costumes, disciplinar a imaginação e infiltrar um elemento sadio na desagregação da família, fazer passar todos os seus respectivos chefes pela repartição do Registo Civil? Mas não ficou demonstrado pela acção da peça que as mulheres amancebadas são boas mães e boas esposas — porque nunca atraíam os homens com quem vivem?

Nem, pelo menos, como contraste, o autor quis usar desta verdade: não são todos os indivíduos moralmente aptos para emprenderem inovações sociais. Enquanto alguns são invulneráveis aos ataques da crítica e se criam ante a opposição, outros, a maioria, acomodam-se, medrosos às exigências da sociedade. Aficiam dentro de fórmulas que lhes impõem, mas são incapazes de qualquer rebeldia. Avançam, apenas, quando o consenso unânime fez mover, para mais além, a meta que os delimitara.

No «9 de Abril», a verdade dos sentimentos foi sacrificada. Todas as situações o dizem e ainda mesmo a passividade de Leonor, cuja única saliente faceta são as suas declarações de «encher-o-acto» (1.º) quando afirma não ter ciúmes do homem com quem vive. Os elementos de conflito, que poderiam ser aproveitados nesta personagem, foram arreadados, pois. Nem ela nem ninguém se ergue até à altura da sua moral. Do que podia resultar uma lição, colhem-se resultados do disfarce, da negação, das proibições, do comodismo e do medo à censura social. Ficamos, porém, sabendo que a virtude duma mulher ou a consciência num homem significam apenas continência fora do matrimónio.



PREFIRAM OS
"BILHARES INVICTA"

PEDIDOS À CASA EDMUNDO

Rua de Camões, 649 — Pôrto

Agente em Lisboa JOSÉ JOAQUIM CATELA
Rua do Benfornoso, 149-1.º

—lhe fizesse a emenda em futuras edições. Os seus livros, sr. Alberty, apenas me interessam para vender, repito. E sabe V. Ex.º por quê?

Cometi o grande e horrível crime de apontar erros na sua obra; e mais ainda, se tivesse tempo para folhear o seu livro, com vagar, (o que hoje fiz, como quem pretende saber se o volume é ilustrado ou não), poderia encontrar coisas tão dignas de reparo como o termo a que me referi, como, por exemplo, aquela paisagem de Minho onde V. Ex.º viu campos de milho e de trigo e cachos de uvas pretas e brancas pendentes das latadas, como se se pudessem admirar campos de trigo ao mesmo tempo que os roxos e dourados cachos...

Mas não vale a pena, sr. Inspector Rosa y Alberty, falar mais no assunto, contentando-nos ambos com a seguinte conclusão:

V. Ex.º é um sábio intangível em quem é perigoso bulir; e eu um ignorante, atrevido, que não tenho sequer o direito de apontar um erro, onde sneira existe.

V. Ex.º tem quarenta anos de erudição colonialista; ao passo que eu passei por Angola, de saco encarnado às costas, mal enxergando tantas e tantas coisas belas que lá há para ver e admirar, quer na época das chuvas, quer na do cacimbo...

Ora não seria mais interessante V. Ex.º limitar a sua prosa às telhas do seu telhado e confessar honestamente que havia errado, mas que o erro seria reparado na 7.ª edição do livro, visto que, por mero descuido, não o havia sido nas seis já publicadas?

Creio que estamos de acordo numa resposta afirmativa...

Como podemos nós aceitar a *Florinda* como elemento construtivo «duma síntese» se não vive conscientemente? A consciência é formada, sem falar da cultura, pela inteligência, disciplina e demais elementos construtivos. Ora é apenas pelo seu grito, no final da peça, que reconhecemos a mãe a quem a guerra sacrificou um filho. Sempre ela se conservou afastada de tudo e de todos. Nela, o hábito engendrou uma conduta não deliberada. É a personagem mais bem construída do «9 de Abril», mas imprópria para demonstrar a mais insignificante afirmação.

Contra a guerra faz-se apenas crítica palavrosa. De tudo o que a torna ex-crandia: ambições dos povos e bons negócios, nada transparece. O sistema seguido para a glorificar, é também o mesmo: palavras e mais palavras. Há, de facto, um quadro-aposote de certa maneira lírico: o pano sobe para nos deixar ver um Monumento aos Mortos. É, porém, uma ex-crescência: A não ser que o autor pretenda significar que o Soldado Desconhecido pode muito bem ser o Raúl, que abalou para a front por falta de trabalho e por amor de uma mulher... repito.

Afirma-se que a peça sofreu vários cortes. Mas não teria ficado intacto o entrecho? Por muito que o seu prólogo, que foi amputado, viesse dizer-nos da intenção do autor, em que influiria ele no julgamento das personagens, se elas se esgotam em palavras? Espremido, o primeiro acto, que desenha o amor à família e o amor à pátria, é anedoticamente aceitável mas frouxo de acção; o 2.º pretende tocar o patético, e esse patético dilui-se em palavreado; o 3.º serve o desfecho preconcebido, através duma banalidade quasi miraculosa: tudo se recompõe entre pessoas desavindas, cada um com sua paixão ainda dita antes. Chegam, porém, notícias da morte de Raúl; *Florinda* chora; mais palavras, agora de Diogo. Por fim, a aposote. Onde e em que influíram os cortes?

Do desempenho, há a salientar a justa das interpretações de Alves da Cunha e Emília de Oliveira; Berta de Bivar, humilde, como convinha; Jorge Gentil muito à-vontade, mercê da sua longa experiência do palco; Maria Pinto, numa rábula sem dificuldades e Maria do Pilar, em aparições fugazes, bem; Maria de Oliveira e Olga França discretas.

Henrique Campos tornou aceitável a sua personagem no 3.º acto; Penha Coutinho e Manuel Bessa, duros, hirtos; Manuel Correia emprestou verdade à sua episódica personagem.

Mesmo para aqueles que não conhecem a comédia de Carlos Arniches no original, basta o seu entrecho e a colocação e forma de agir das suas personagens para reconhecer que Luís Palmeirim, o adaptador, releou para segundo plano o caso que lhe servia de principal e mais consistente motivo. E tinha esse direito?

Que um autor português sugere o seu original a arranjos e aceite imposições ou indicações de censores para que possa apresentá-lo ao público, à crítica não deve interessar essa subordinação às circunstâncias. Um remédio havia para tal: não representar a peça. Portanto podemos criticá-la tal qual a vemos. Mas saber que um adaptador alterou sensivelmente a peça que traduziu, é debatermo-nos entre um problema de consciência: podemos responsabilizar um autor pelo arranjo que outrem fez a uma sua obra?

«Antes que cases...» defende o divórcio. A lição é apresentada colocando, frente-a-frente, dois casais. Aquelle que constitua penhor da vida futura de felicidade, por muito se querer, é que justifica a necessidade da separação entre marido e mulher quando surja a traição conjugal; o outro, cujo noivado decorreu tormentoso, torna-se feliz (!) pelo domínio do marido sobre toda a família. É o parzito das situações cómicas. Colocado ali de propósito para provocar o riso, consegue-o. A forma por que conquista a felicidade, faz o elogio da dureza de trato. Mais uma vez se confunde a energia com a insolência — estando nós fartíssimos de saber que a prepotência não educa. A

UMA CARTA do sr. dr. Abel Salazar

Do nosso ilustre colaborador sr. dr. Abel Salazar recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do «O Diabo»:

Como o sr. António Sérgio não tem publicado as rectificações que por vezes, a propósito dos seus artigos, tenho enviado a «Seara Nova», peço a V. para publicar em «O Diabo» o seguinte.

1.º — A propósito da carta particular referente à vulgarização publicada pelo sr. Sérgio no último número da «Seara», a respeito da qual o referido Sr. lamenta que eu não tenha dito o mesmo em público, devo dizer que, pelo contrário, o mesmo precisamente já foi por mim dito em público numa das Cartas a Casais Monteiro, do «Sol Nascente».

2.º — Quanto à 2.ª carta publicada, folgo muito que o sr. Sérgio o tenha feito; pois se vê por ela que não foi por uma questão de rancor que cortei as relações com o referido Sr., mas apenas e somente por ter verificado ser ele destituído por completo de probidade intelectual; e que o facto de não ter ele próprio consciência desta falta de probidade não era razão para manter tais relações.

A frase referente à rateira tem uma explicação bem simples e inocente. A qual é a seguinte. Sabendo o meio em que vivo, tive sempre o cuidado de não publicar nenhum trecho técnico sem o basar numa fonte autorizada.

Disso resultou que o sr. Sérgio, em dado momento, me veio acusar, a propósito da *Relatividade*, e fundado em frases de E. Borel, de vir fazer vulgarização de 3.ª, 4.ª ou 5.ª ordem, quando o trecho em questão era extraído do próprio Borel!

O sr. Sérgio caiu assim na referida «rateira» com uma ligeireza inconcebível. E, ainda mais levemente, vem agora tirar efeitos de uma carta particular, que ele julga escandalosa e com a publicação da qual, pelo contrário, eu me fição folgo.

3.º — Quanto aos slógios, o sr. Sérgio recorre aos seus trucs habituais; mas, bastante atafalhada, deixa a acusação inteiramente de pé, a saber:

- 1.º Plagiou um texto de L. Brunschwig.
- 2.º Declarou ser seu um texto de Car-

«O DIABO»

Dois anos de publicação

(2 de Junho de 1934 a 28 de Junho de 1936)

ÍNDICE

AUTORES—IDEOGRÁFICO

Preço 5\$00. Pedidos à Administração

verdade da vida anda, pois, por ali, aos trambolhões. Ganha, apenas, comicidade. Carlos Arniches e mais uns tantos autores espanhóis, manejando bem os efeitos teatrais, encolhem os ombros à verosimilhança das situações. Que a posteridade lhes agradeça pouparem-na ao trabalho de se preocupar com eles.

Se o adaptador alterou sensivelmente o original, por que não indicou, no 1.º acto, que rasgasse, ao fundo, sobre o jardim, uma porta amplíssima? Poupava aos noivos a triste missão de espantá-lo. Podia mesmo sentá-los, já fora de cena. Esse pormenor ajudava a ilusão teatral.

Maria Matos, uma personagem sem dificuldades para o seu talento histeriônico, magnífica de verdade; Maria Helena arranca todos os efeitos ao seu papel; Laura Fernandes com o seu costumeado aprumo; Margarida de Almeida marcou bem as indecisões da confissão a seu pai, no segundo acto; Maria Reis usou de inflexões justas; Rosina Régio e Lúcia Mariani, aceitáveis.

Assis Pacheco compôs escrupulosamente mais um tipo: António Palma carregou demasiadamente a sua personagem; Francisco Costa, exuberante, por vezes, teve cenas bem pormenorizadas; Luís Felipe, adaptou-se; José Monteiro, Joaquim Miranda, José Morais e Alfredo Pereira integraram-se no conjunto.

nap onde este resume a teoria lógica das relações, que tem 80 anos de existência.

O texto de Carnap é de 1929 e não de 1933 como diz o sr. Sérgio. De resto o caso não importa pois a questão se resume no seguinte: O sr. Sérgio, espectacularmente, vem-nos declarar, em 1937, ser sua a teoria das Relações!

As habilidades do sr. Sérgio, bem conhecidas, em nada modificam a minha acusação, que fica inteiramente de pé. Quanto ao resto, tudo será esclarecido na sequência dos artigos sobre o «Bluff Sérgio», a sair nos próximos números de «Sol Nascente».

De V. etc., etc.
ABEL SALAZAR

N. da R. — Temos, neste lamentável incidente, as mãos livres e a consciência tranqüila. Nada fizemos para o acirrar, nem tão pouco procuramos especular jornalisticamente com ele para gáudio da galeria. Há tempos, quando amigos comuns dos sr. dr. Abel Salazar e António Sérgio intervieram para tentar evitar o prosseguimento da polémica existente entre ambos, tínhamos já composto um artigo do sr. dr. Abel Salazar, que ocupava mais de três colunas, em resposta a dois artigos que, neste jornal, o sr. António Sérgio publicara.

Em telegrama, o sr. dr. Abel Salazar pediu-nos a suspensão do seu artigo, nobilíssima atitude esta, pois voluntariamente se resignava a guardar silêncio perante duas críticas do sr. António Sérgio. E nós, a pesar-do prejuízo que sofríamos, obedecemos.

Publicando esta carta do sr. dr. Abel Salazar não nos move o desejo de agravar o incidente, que desjáramos, se pudéssemos, evitar, mas o dever que nos assiste de reconhecer àquele nosso ilustre colaborador o direito de defesa — direito, para nós, sagrado.

Livros novos

O *Retour*, de José de Matos Chaves. — «Le Retour sur soi-même», é o título francês deste romance, vertido agora pelo autor para o nosso idioma, nem sempre com felicidade de expressão, pois lhe escaparam frases que são decalques nítidos da linguagem de além-Pirinéus.

É uma obra de concepção fraca e imprecisa a tal ponto que, depois de uma leitura atenta, não se atinge com facilidade o que pretende o escritor.

Todas as personagens, que tenta desenhá-las como arrastando o fardo pesado da vida, são figurantes sem ideal, incapazes de reagirem contra o fatalismo que parece persegui-las, deixando amarfanhá-las no sofrimento ou na desluzão.

A figura principal do romance é o retrato dum vencido, que vive o seu sofrimento numa nostalgia incompreensível e sem horizonte. É tamanha a dose de vencidismo espalhada pelo livro que chega a ser simpática a nórdica Adrienne, tentando vingar-se de Karl, causador de múltiplas infelicidades. Mas até esta lutadora momentânea cede à voragem e suicida-se.

À acção movimentada em quadros pouco precisos, excepção feita, talvez, pela simplicidade, às paisagens do norte. O entrecho é levado ao sacões, com quebras de unidade, que dispersam a atenção do leitor, sem daí advir maior intensidade emocional.

Marques Fernandes

Novidades Literárias

Recebemos «Relevos», livro de poemas que Fernando Namora acaba de dar à estampa.

João José Cachojei publicou recentemente «Instantes», livro de poemas.

SÓ SE FARÁ REFERÊNCIA NESTA SECÇÃO A OBRAS DE QUE NOS SEJAM ENVIADOS DOIS EXEMPLARES, INDEPENDENTEMENTE DAS OFERTAS PESSOAS.

«A SELVA»

Um grupo de escritores do Estado do Amazonas iniciou a publicação, em Manaus, dum jornal literário intitulado «A Selva». Em artigo de apresentação diz-se que o nome do jornal foi tirado da notável obra do mesmo título do nosso antigo director e eminente escritor Ferreira de Castro, prestando assim homenagem à maior interpretação literária da selva amazônica.